

Apontamentos sobre o impacto do racismo na vida psíquica e na análise de um sujeito

Solange Maria Santos Oliveira

Solange Maria Santos Oliveira é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, participante da Comissão de Reparação e Ação Afirmativa do Departamento de Psicanálise e do grupo de trabalho “A cor do mal-estar: da invisibilidade do trauma ao letramento”, mestre em Saúde Coletiva pelo Programa de Pós-graduação em Infecções e Saúde Pública – Coordenação dos Institutos de Pesquisa – CIP.

Resumo Este artigo pretende discutir, por meio de fragmentos clínicos da história de um sujeito negro, o impacto do racismo na vida psíquica e na condução de uma análise, assim como argumentar sobre a relevância da condução da análise de uma pessoa negra por um psicanalista negro.

Palavras-chave racismo; clínica psicanalítica e política; analista negro.

DOI: 10.70048/percurso.75.63-74

O contexto

Desde a fundação do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, com a presença de Regina Schnaiderman, as questões referentes ao acesso à psicanálise, e à intersecção entre política e psicanálise, apareciam como marca de uma escuta alternativa em relação às outras instituições. Os tempos impuseram mudanças e novos acordos. O antirracismo, sem dúvida, faz parte das políticas atuais do Departamento e tem atravessado a reflexão de alguns dos seus grupos de trabalho.

“Mas como falar de algo que eu não aprendera a pensar, um tema que era proibido, que não aprendi na escola?”¹

Tema-segredo que não se pôde falar nas várias casas vividas: o lar, a escola, as instituições formativas, já que a partitura era a democracia racial, a do apagamento do preto. No lar, isso ocorria para que aquelas pessoas pudessem existir, contraditoriamente se aniquilavam para que sobrevivessem. Nas instituições o tema-segredo aparecia como submetimento às regras coloniais de dominação. Mais uma vez a tentativa de sobreviver, ter existência, como aprenderam em suas primeiras relações objetais.

O silêncio se impõe marcado pelo pacto da branquitude. Silenciado, o preto segue driblando o racismo:

Fala da filha para a mãe sobre o seu enredado cabelo enroscado: “não quero que nenhum filho meu passe por isso, por essa dor... pentear os cabelos.”

Tempos depois, todo dia cedo, essa mulher/mãe acorda sua filha para pentear seu cabelo antes de sair para trabalhar. A menina volta a dormir para

¹ I.B. Nogueira, *A cor do inconsciente – significações do corpo negro*, p. 12.



o debate envolve a reflexão sobre a ausência e o apagamento de presenças negras, em especial no que se refere à escuta das marcas da negritude no corpo social brasileiro

depois ir para a escola. Assim vai se reafirmando e reatualizando algum ideal. Essa mulher também diz para essa filha que não poderá se sentar à máquina de costura: “Veja eu e sua avó sempre na máquina. Você irá estudar”.

Tempos mais tarde, essa menina agora adulta escuta o homem negro contando: “Respondi pra minha amiga. Por que eu raspo a cabeça? Como eu vou trabalhar na... com esse cabelo? Quem vai me empregar?”

O grupo “A cor do mal-estar” do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, criado em 2018, tem desenvolvido esse tema. O debate envolve a reflexão sobre a ausência e o apagamento de presenças negras, em especial no que se refere à escuta das marcas da negritude no corpo social brasileiro, denunciando a falsidade da democracia racial e favorecendo a emergência de outros discursos sobre a construção social de novas formas de existência do negro na sociedade. O objetivo é criar possibilidades e espaços a serem consolidados por uma nova dinâmica institucional e viabilizar o surgimento de uma comunidade intelectual de troca interracial. O reconhecimento da presença negra e suas múltiplas formas de existir convoca todos para a tarefa ética de sustentar diálogos e construir novas formas de convivência, capazes de reparar e reinventar trajetórias históricas marcadas pelo silenciamento.

O racismo

O racismo, engendrado e institucionalizado pela sociedade para manter a dominação de brancos sobre pretos e perpetuar relações de poder, deixa

marcas profundas no psiquismo humano desde a infância, em brancos e pretos. Neste artigo, ao discutir as marcas do racismo por meio de um caso clínico, a analista busca compreender como a exclusão e a negação do racismo operam na constituição do sujeito negro, afetando a construção de vínculos, desejos e possibilidades de pertencimento.

Marisa Corrêa lembra que:

Em um país estrutural e institucionalmente racista, não podemos falar de uma situação de trauma enquanto um episódio isolado e pontual, mas sim de um processo traumático secular cumulativo que acometeu toda a população de um modo complexo e com frequência inacessível. Um processo que adoeceu o sujeito sem que ele consiga alcançar uma representação psíquica para o que é vivido.²

Andrade corrobora essa ideia:

Uma das principais características do racismo é justamente retirar dos povos o direito de construir uma autoimagem legítima. [...] o racismo também sequestraria das pessoas negras a possibilidade de narrar a experiência singular de suas vidas por lhes constranger sempre a tecerem uma narrativa de si como resposta ao que a branquitude impõe. Não há margem para falar de si mais além do racismo.³

É fundamental identificar essas marcas e compreender os trânsitos psíquicos necessários para superá-las ou remodelá-las, reconhecendo que ainda há muito por entender e elaborar.

Correa acrescenta que a “[...] desconsideração do racismo como agente responsável por graves comprometimentos psíquicos e somáticos é definitivamente uma lacuna que precisa ser entendida, elaborada e sanada”⁴.

Apresentação de fragmentos clínicos

Neste artigo, a analista gostaria de apresentar fragmentos de um caso clínico, em processo, que possibilitam acompanhar um aspecto da trajetória de um homem negro, que será chamado de

Luciano, pois há de se ter nome numa vida arranhada pelas marcas do racismo.

Antes de avançar, é importante circunscrever o que será entendido por fragmentos de caso clínico e como apresentá-los. Os fragmentos têm a intenção de apresentar apenas um aspecto dessa análise e da complexidade da vida psíquica de Luciano. O caso clínico, aqui, será construído por uma narrativa pontual da relação transferencial, em que a história do paciente se viabiliza na transferência. Está no foco desse recorte o cruzamento das histórias de analista e analisando, ambos negros, marcados por diferentes desejos em um determinado contexto sociopolítico.

Desde Freud, destacava-se a importância de omitir dados identificatórios do paciente, mantendo-se apenas as informações essenciais para entender o caso, prática amplamente aceita hoje pelos analistas. Nasio enfatiza a necessidade de fazer com que o paciente tenha acesso ao texto, solicitando sua autorização para publicá-lo. Algo complexo e que merece alguma cautela. Nesse caso a analista entendeu não ser o momento da análise para introduzir esse feito. Para tanto, a analista considera o que afirma Mezan, em *Escrever a clínica*:

O fato de se saber objeto da atenção privilegiada do analista, a ponto de este escrever sobre o nosso caso, não é inteiramente inocente no andamento de um processo analítico [...] por mais que nos dirijamos a leitores em geral, quando se escreve sobre um paciente tal escrito é ainda parte da análise desse paciente, um diálogo com ele.⁵

Aspectos da história desse sujeito

Um homem, cuja presença por si só já se impõe, apresenta-se para análise, dizendo sentir que “há algo errado” consigo, impedindo-o de realizar seus

2 M.S. Corrêa, “Racismo: um trauma coletivo não considerado”, *Percurso*, n. 73, p. 22.

3 E. Andrade, *Negritude sem identidade: sobre as narrativas singulares das pessoas negras*, p. 23.

4 M.S. Corrêa, *op. cit.*, p. 21.

5 R. Mezan, *Escrever a clínica*, p. 166.

»»

*a analista compreende
que Luciano busca reconhecimento,
assim como todos os seres
humanos. Ele deseja ocupar
um espaço ao qual sente
não pertencer*

propósitos. Manifesta o desejo de ocupar um determinado cargo público de relevância social, estudar, aprimorar o conhecimento de línguas estrangeiras, mas se sente cada vez mais distante desses objetivos. Fala muito, articula-se bem, se ampara num autoconhecimento racional.

A analista escuta que à sua frente há um homem que antes de tudo precisa ser acatado, acolhido por seu saber. O que se dará por meio do reconhecimento do seu sofrimento por uma exclusão social, e, ao deparar com uma demanda de análise, a analista passa a escutar também o menino acuado que emerge no relato. O homem visível revela um menino invisível, retraído, o que possibilita a escuta de sua tentativa de existência com as marcas da sua constituição de sujeito. “Eu estou me atrapalhando com tudo na minha vida.”

Importante lembrar que a constituição psíquica de qualquer sujeito e, portanto, do sujeito negro, se constitui por diversas experiências que não serão apenas as respostas ao racismo vivido, mas aqui pretende-se olhar para o impacto do racismo.

A analista compreende que Luciano busca reconhecimento, assim como todos os seres humanos. Ele deseja ocupar um espaço ao qual sente não pertencer, e ela se pergunta se está disposto a desafiar ou transgredir essa percepção.

Ele relata que, quando criança, acordava muito cedo. Sua mãe já havia partido para o trabalho, ficava com a sua avó. Costumava ir de porta em porta procurar um amiguinho para brincar. Suas mães diziam que ainda estavam dormindo e que, quando acordassem, chamariam por ele. Estava sempre sozinho. Incansável, no outro dia, a cena



*fazia tudo para
pertencer ao grupo.
Luciano, no decorrer
da análise, vai enunciando
suas explicações que
se referem às tensões
de classe social*

se repetia. A avó lhe dava bronca: “Para com isso. Vai fazer a lição”.

Luciano ganhou uma bolsa para cursar o ensino médio em uma escola renomada de sua cidade, apesar da discordância dos pais, pois diziam “que eu queria o que não era para mim”. Mesmo assim, ele insistiu em seguir seu objetivo.

Nesse tempo de escolarização, relata, surgem episódios de exclusão e maus tratos pelos colegas, incluindo situações de *bullying*. Como reação a essas cenas surgiam buscas incessantes por ser incluído: “Eu fui me colocando que precisava ser aceito”.

Sempre temeu perder oportunidades, especialmente na adolescência. Sentia-se extremamente excluído ao ficar de fora dos passeios ou festas do colégio. “Uma vez fui com moeda para entrar numa balada, me expunha, não tinha crítica, não me importava com as condições. Só depois da análise passei a cuidar de não me expor e a evitar essas situações.”

Fazia tudo para pertencer ao grupo. Luciano, no decorrer da análise, vai enunciando suas explicações que se referem às tensões de classe social: “Na infância criei um conceito de que em casa era ruim”. Relata que sua casa era antiga, havia muitas pessoas, era desorganizada e suja, e ele também contribuía para isso. Não havia companhia para brincar e sentia falta de atenção. Nas visitas à casa de amigos, percebia diferenças em relação à sua.

Um dos seus colegas passa a ser a encarnação do ideal para Luciano: “Eu saía com eles, eu sempre achei que ele era o máximo, um Deus.

Ele ria me dizendo: aqui as meninas não vão sair com você”.

O relato de Luciano dos meandros de seu sofrimento e das histórias escabrosas em que os colegas brancos, admirados por ele, o humilhavam, era entremeadado de explicações sociológicas. À escuta, a analista pergunta se em algum momento ele já havia relacionado essa discriminação que sofria com o fato de ser negro. Silêncio. “Não. É porque sou pobre”. A analista acolhe a explicação. Não. É porque sou pobre. Há um cuidado para não instalar um desmentido da percepção, novamente uma desqualificação, inclusive porque suas justificativas pelo discurso social representam um amparo encontrado ao construir para si o entendimento do seu sofrimento. Além disso, a potência do discurso de classe se deve a trazer uma ilusão de acesso e de eliminação do sofrimento. Mas segue ecoando em sua escuta: não é porque sou pobre.

A pergunta da analista, acima explicitada, pode soar inicialmente como uma intromissão. É um ato político: aquele homem nunca declarou ser negro, jamais tocou nessa questão, que era explícita: negro retinto, muito alto, com uma presença altiva. Um momento em que a analista enxerga naquele homem/criança um homem negro. É algo que se instala simultaneamente na condução daquela análise? A analista se identifica com o paciente e percebe a dupla negação? A reflexão sobre essa intervenção na análise será tratada mais à frente.

Tempos depois, numa sessão em que falava sobre cenas de discriminação na escola e sua idolatria por um dos colegas, Luciano conta que esteve refletindo sobre o que a analista havia perguntado: se a discriminação a seu ver se relacionava com ser negro: “Eu acho que tem a ver com isso, sim”.

Nesse contexto, conta ter sido chamado, numa brincadeira com os amigos na escola, de macaco. E todos riram. E ele também riu. Indagado sobre o que sentiu, refere-se a um mal-estar: “Mas era aquilo. Eu me calava, eram os meus amigos”.

Brincadeira? Brincadeira de humilhação! Luciano sentia ser essa sua única possibilidade de

pertencimento. A analista pergunta se antes ele não conseguia dizer sobre isso na análise: “Eu não conseguia ver. Eu não lembrava e então lembrei”.

Sabemos que algumas intervenções, no processo de uma análise, poderão se confirmar por meio do material que surgirá posteriormente nas futuras associações do analisando. Podemos pensar que, ao introduzir para Luciano a ideia de que as cenas de humilhação vivenciadas por ele se relacionavam com o fato de ser negro, a analista viabilizou posteriormente o aparecimento de alguma lembrança mais explícita para que a questão surgisse de forma inequívoca, como pode acontecer em qualquer processo analítico. Nesse processo ganha importância, pois punha em questão para a própria analista a possibilidade de estar interferindo como um ato político e analítico.

Os pais jamais abordavam abertamente a questão racial; parecia ser um tema silenciado em ambos. Era uma família voltada para o trabalho, como narrava Luciano. Aos finais de semana buscavam algum lazer, como tomar uma cerveja para relaxar. Entretanto, não se falava sobre sentimentos, manifestações de carinho eram ausentes, pois, para aquela família, o foco era a necessidade de trabalhar.

Os pais se separaram quando Luciano era criança. Em relação à mãe, conta não receber a aprovação que tanto espera. Sente-se frequentemente alvo de recriminações, seja pela compra do carro, pelo término de um relacionamento ou por mudanças profissionais, raramente recebe uma palavra de incentivo, mesmo ao frequentar o coral da igreja e querer tocar violão. Essa ausência de reconhecimento alimenta uma percepção de que sua mãe o vê semelhante ao seu pai, figura que não demonstrava empenho pela família, um “irresponsável”. “Ao pensar em cursar administração, meu pai disse que eu não era filho de empresário, para que eu ia fazer administração?”

Segue contando muitas cenas. “Quando aluguei um carro, achava que a minha vida era aquele carro... eu tinha conseguido ter a vida com todos os benefícios, privilégios e características de uma pessoa, como o meu amiguinho lá da escola.

»»

*ao perceber a
semelhança da moça
com aquela que o
amigo da escola disse que ele,
Luciano, jamais sairia, se percebe
ainda respondendo
àqueles colegas*

Então, conseguir um carro como eu consegui era ter a vida dele [...] como se eu fosse ele...”

Ao revisitar a emergência da sexualidade adolescente, Luciano pôde rever como lidou com as marcas que o racismo delineou: “Uma saída, meu escudo, namorar com uma mulher branca, bom padrão de vida, empoderamento branco, é como se eu fugisse da realidade, não precisasse mais ser negro”.

Tempos depois, ao sair com uma garota e os amigos acharem o máximo, se sentiu “o cara”. Ao perceber a semelhança da moça com aquela que o amigo da escola disse que ele, Luciano, jamais sairia, se percebe ainda respondendo àqueles colegas e diz: “Eu não consigo apagar essa mágoa, preciso curar isso”. Vê-se que ainda é muito difícil para Luciano abdicar do ideal de onipotência, por supor que aquele amigo branco, de fato, corresponde à imagem idealizada, como é veiculado pela sociedade.

Na infância, Luciano saía batendo de porta em porta à procura de acolhimento; atualmente, sai de bar em bar ainda procurando companhia. As situações traumáticas são revividas e reinscritas ao se objetificar em busca de afeto e reconhecimento, procurando mulheres brancas, na noite, que validem seu corpo como desejável.

Psicanálise e política

Uma das perguntas que têm atravessado o meio intelectual, resultante do mal-estar vivido nas



*pode-se questionar se
as primeiras impressões
da analista se dão por algo
identificatório com o analisando,
um a priori, pelo fato
de a analista enxergar,
de antemão, um negro*

discussões institucionais sobre racismo, é: “tudo é racismo?”. As instituições vivem outros aspectos além do impacto do racismo. A trajetória de vida de uma pessoa é marcada por outras experiências além do racismo, mas aqui nesse recorte é sobre o racismo que se procura saber.

Então, trata-se de retomar a ligação intrínseca entre o social e a constituição subjetiva na condução da análise, o que viabiliza a escuta da trama social em que os sintomas foram forjados.

Ao tratar de algo da singularidade desse sujeito e da história particular dessa família, também consideramos as possibilidades de resposta de um sujeito às marcas traumáticas do racismo. Freud, ao fundar a Psicanálise, postula que na construção da vida psíquica surgem conflitos entre os desejos individuais e as exigências da construção das relações humanas, da vida social, e esse enredo atravessa a clínica.

A psicanálise pode ser pensada como uma prática política, uma vez que a sua clínica viabiliza questionar estruturas de poder que atuam sobre o sujeito. Ao revelar como os discursos sociais, os da autoridade, da moral e da sexualidade, constroem o inconsciente e produzem sofrimento, vai se delineando a proximidade da clínica psicanalítica com a política.

Essa é uma questão debatida por Miriam Debieux ao afirmar que a psicanálise deve considerar os determinantes sociais e políticos do sofrimento psíquico e que a clínica não pode se restringir ao indivíduo isolado. Sem perder sua escuta singular, é necessário reconhecer como o

mal-estar é também produzido por condições sociopolíticas, como exclusão social, pobreza, racismo, indiferença e humilhação.

A escuta psicanalítica do sujeito em sua singularidade possibilita subverter a lógica da adaptação social, propondo uma ética do desejo em vez da subserviência aos ideais sociais. Nesse sentido, escutar, interpretar e sustentar o sujeito na emergência do seu desejo é um gesto ético e político.

Assim, trata-se de compreender que, se as condições sociais são estruturantes da constituição psíquica, o racismo não é uma experiência social pontual e sim uma condição histórica que atravessa o sujeito, desde o início de sua constituição, marcando seu corpo, seu desejo e sua inserção simbólica no mundo. Cabe investigar como cada sujeito está marcado pela experiência singular de ser negro e como tanto os vínculos sociais e as formas de dominação, quanto os desejos, fantasias e mecanismos inconscientes, moldam suas ações.

Os entremeios dessa análise

Como manter a ética, o cuidado e a atenção com esse sujeito que chega, como Luciano, para ser grande, para ser reconhecido pelo público (cargo desejado) com uma história pessoal marcada pelas impossibilidades de cuidado da família e pelo descaso da escola e da sociedade?

Há um imbricamento importante a se considerar nos primeiros momentos dessa análise. Pode-se questionar se as primeiras impressões da analista se dão por algo identificatório com o analisando, um *a priori*, pelo fato de a analista enxergar, de antemão, um negro. Ou se de imediato aparece na escuta o que está sendo negado: sua condição de negro? Uma questão complexa porque a invisibilidade do negro não se dá pelo seu corpo, sempre muito visível, mas pelo apagamento histórico do direito à existência. É isso que de imediato se apresenta à escuta: o menino acuado.

Para tanto faria diferença o analista ser negro? O que implica uma analista negra atender um paciente negro? Em que aspectos esse

encontro traz abertura para escuta da alteridade e em que aspectos pode criar obstáculos?

E a analista, por supor que a ela destina-se essa demanda, segue a escutar o menino acuado... E se entrega ao que são suas vivências psíquicas, pois no entremeio vai aparecendo um menino. O homem visível, um menino não visto, acuado. E isso não se refere apenas a ser um sujeito, mas a ser sujeito preto na sociedade em que vivemos.

Ao surgir no mundo, onde se espera que o bebê seja acolhido, libidinizado e feito corpo humano para viver na sociedade que pressupõe trocas relacionais, o bebê negro tropeça. A mãe – ou adulto acolhedor – desse bebê entra na cena em descompasso, pois já carrega a marca de dores e traumas históricos impostos aos negros. Sua própria história é notadamente marcada por traumas que a colocaram no lugar desvalorizado, destinado historicamente aos negros na sociedade. Isso atravessa a realização dessa função, portanto, o processo de acolhida.

Considerando que o olhar do outro desempenha um papel fundamental na constituição do sujeito psíquico, surge a questão de como ocorrerá o desenvolvimento do narcisismo para uma criança, cujo primeiro contato no mundo será atravessado pelo colo de uma mãe com um imaginário permeado por sensações de desvalor perpetuado por gerações.

Nessa perspectiva, Nogueira explicita que:

O bebê negro, está claro, não é menos desejado do que o bebê branco, para a sua mãe que, inconscientemente, deseja o filho. Mas a criança do projeto e do desejo da mãe certamente não está representada no pequeno corpo negro, que o olhar materno, inconscientemente, tende a negar. A mãe negra deseja o bebê branco, como deseja, para si a branca.⁶

De que modo é possível afirmar-se como pessoa negra, reconhecer-se como tal, se o negro é historicamente relegado à condição de rejeição social?

6 I. B Nogueira, "A dimensão simbólica do corpo negro e o ideal imaginário da branquidão", *Percurso*, n. 73, p. 16.

»»

*a condução dessa análise
vai sendo atravessada por vivências
contratransferenciais, em que a analista
se lembra de sua mãe, à máquina de
costura, dizendo-lhe ao chegar
da escola: "Deixe seu prato embaixo
da pia e vá fazer sua lição"*

Como introjetar algum valor para esse corpo sujeito negro? A mãe que acolhe ao mundo a chegada desse bebê vê nele o dejetivo? Como vai libidinizá-lo? Qual ranhura vai emergir dessas marcas, para que essa mulher se aproprie de algo que há de energia de vida e a destine a esse corpo bebê?

A condução dessa análise vai sendo atravessada por vivências contratransferenciais, em que a analista se lembra de sua mãe, à máquina de costura, dizendo-lhe ao chegar da escola: "Deixe seu prato embaixo da pia e vá fazer sua lição". Seria a reafirmação de um ideal almejado por uma mulher negra para a filha trilhar o que ela não pôde? Trata-se de uma resposta singular. Cada mãe, para a construção do que deseja para seu filho, terá disponível seus determinantes psíquicos.

Neusa Santos, em *Tornar-se negro*, afirma que a busca pela ascensão social pelo negro leva-o ao massacre de sua identidade, tomando o branco como modelo de identificação como única forma de ser gente.

O racismo não só afeta o corpo e os direitos, mas atravessa profundamente a constituição psíquica. Contribui na introjeção de exigências normativas da branquitude, afetando o Eu Ideal ao impor imagens inatingíveis e excludentes de valor e beleza. E atingem também o Ideal do Eu, ao estabelecer normas internalizadas que exigem o apagamento da negritude para ser aceito.

O racismo e sua destrutividade colocam Luciano numa posição acuada diante das possíveis interações com o mundo. Contribuem para uma imagem de si capturada na ideia da inferioridade



aderir à defesa da neutralidade sem observar as circunstâncias vividas pelo sujeito pode se converter em silenciamento político e ético, especialmente diante de sofrimentos marcados pelo racismo institucional

ou geram uma suposição de que poderá vir a ser como aquele humano branco. Ter valor, buscar reconhecimento, traz como consequência a aceitação e a criação de um ideal branco. Para tanto, vai suportando situações repetidas de violência e humilhação para manter a ilusão da possibilidade de vir a ser branco. O que seria destituir-se de um corpo, cuja marca cor da pele é insubstituível.

O negro recusa sua própria pele, seu próprio corpo, este passa a ser abjeto. Seria função da análise construir novos pactos de sobrevivência, retomar a ideia de que poderá viver com o corpo negro e restaurar algo de valor no seu narcisismo. Isildinha afirma: “Assim tem sido a aventura, construir-se negro, superar, sublimar, lutar para nos tornarmos semelhantes em um mundo onde ser branco é ter um lugar e ser negro é estar excluído da sua própria humanidade”⁷.

Ao final, pode-se perguntar: a analista, na condução dessa análise, pretendeu realizar um ato de reibidinação do paciente por meio do trabalho analítico? O que seria exatamente essa intervenção? E o que, afinal, será uma marca de transformação no percurso de uma análise? Algo que só saberemos posteriormente. Não se trata apenas disso. Mas, ao considerar uma possível fragilidade no narcisismo de Luciano, a analista se pergunta se está diante do que Winnicott descreve como falhas ambientais precoces, regressões ou fragilidades do ego. Nesse contexto, ela introduz o que entende como uma “presença

suficientemente boa”: uma sustentação emocional que exige do analista participação afetiva e atenção, tal como um adulto acolhedor que, ao dizer “você é preto”, metaforizou algo como: “menino, você é preto e os pretos, neste mundo, sofrem, mas eu estou aqui com você”. Trata-se de um contraponto àquela mãe que, para garantir o sustento, paradoxalmente, nunca estava presente.

Clínica e militância política

Nos tempos atuais de discussão do racismo institucional, tem-se temido que a clínica se torne uma extensão da militância política contra o racismo. Uma tensão importante entre o compromisso ético da clínica e as demandas sociais e políticas. Um temor de que uma interferência na neutralidade técnica inviabilize a escuta singular. Receio de que analista e analisando se identifiquem para a construção de uma sociedade mais justa. Assim, o desafio é manter a escuta comprometida com o sujeito psíquico, sem deixar de levar em conta sua inserção social.

O tema da neutralidade do analista é algo fundamental e complexo na clínica psicanalítica, e tem sido discutido por muitos autores. Por outro lado, aderir à defesa da neutralidade sem observar as circunstâncias vividas pelo sujeito pode se converter em silenciamento político e ético, especialmente diante de sofrimentos marcados pelo racismo institucional. Neusa Santos discute que a posição de “neutralidade”, referindo-se ao analista branco, pode se tornar violência simbólica, ao não reconhecer as condições sociais que produzem o sofrimento.

Reconhecer e abordar os efeitos do racismo institucional não significa transformar a clínica em militância política, mas sim assumir que o sofrimento psíquico é atravessado por condições sociais e históricas e que o racismo é uma dessas condições estruturantes. Trata-se da clínica atenta ao sofrimento imposto pelas questões sociais com cuidado para que não reproduza a imposição de poder de dominação que o causou.

Negros escutam negros, como fica a simbolização na escuta?

No contexto atual do debate sobre a clínica direcionada às pessoas negras, e diante da manifestação de interesse de algumas pessoas em serem acompanhadas por analistas negros, caberia discutir qual a especificidade da escuta realizada por esse psicanalista.

Há uma ideia de que, para realizar uma escuta psicanalítica de uma pessoa negra, não seria suficiente ao analista o acesso a sua vivência de castração, de sujeito faltante, à sensação de incompletude inerente ao processo psíquico, advinda da sua saída edípica ou reconstruída na finalização da sua análise pessoal.

O que uma pessoa negra busca ao procurar um psicanalista negro? Para a pessoa que procura análise, considerar que o analista tem em seu mundo psíquico as mesmas marcas ou vivências parecidas possibilita supor, no analista, um saber da dor vivida que os aproximaria de um ponto de identificação na construção do seu narcisismo. Representaria, assim, algo que esse par teria de semelhante no sofrimento, para o imaginário dessa pessoa. Mas também significa, para o negro que procura um analista negro, a necessidade de se afastar de um analista branco, por considerar difícil falar de sua dor para quem, em outros momentos, representou ou representa seu algoz. Algo dos narcisismos das pequenas diferenças.

Ao buscar a análise, não parecia que Luciano procurava um analista negro. Porém, a analista se recorda da referência dele a uma experiência anterior na qual dizia não ter se sentido acolhido. Havia feito uma entrevista, o analista sai de férias e fica de ligar ao retornar, e não o faz. “Ele não deu importância”, diz. Sim, era isso: busca sentir-se importante.

Em parte, o sujeito que busca o analista negro pretende se proteger da repetição de vivências traumáticas do racismo que guarda em si na convivência com os brancos. Ayouch entende que “Se



*ao buscar a análise,
não parecia que Luciano
procurava um analista negro.
Porém, a analista se recorda
da referência dele a uma
experiência anterior na qual dizia
não ter se sentido acolhido*

defender contra o/a analista supostamente não situado significa se proteger dos efeitos negacionistas e deletérios de uma suposta neutralidade do analista e universalidade da psicanálise”⁸.

Beatriz Santos e Elsa Polverel afirmam tratar-se de evitar encontros com profissionais que neguem o que algumas pessoas vivem, tal como a realidade do preconceito e a expectativa de que o analista compartilhe da certeza de que determinados sujeitos sofrem de um tipo de violência específica, própria a um determinado grupo ao qual foram designados.

Ayouch argumenta que essa procura não garante que o processo analítico aconteça, pois isso poderia fixá-lo a uma transferência imaginária sem ascender para análise da transferência simbólica, questão fundamental para o trabalho de elaboração em análise.

Por outro lado, se não garante, pode ser a única chance de essas pessoas se aproximarem de uma escuta psicanalítica. Ainda se faz necessária muita reflexão, e muita clínica com pretos precisa ser apresentada para discussão para que se possa avançar nesse debate. Mas o primordial é que a escuta do analista esteja atravessada pelos fatos de que o racismo faz parte dos determinantes de um fator traumático na constituição psíquica.

A escuta não é neutra

É relevante considerar como analisar a prática clínica cotidiana com atenção às questões

7 I.S. Nogueira, “Do olhar do outro à sublimação de se construir negro”, in E.C. David; G. Assuar (orgs.), *A psicanálise na encruzilhada: desafios e paradoxos perante o racismo no Brasil*, p. 46.

8 T. Ayouch, *A raça no divã: psicanálise, mestiçagens, racializações*, p. 230.



*o apagamento do negro
foi tão violento na sociedade
brasileira que cabe parafrasear
Lacan se perguntando:
É tempo de concluir
ou estamos ainda
no momento de ver?*

relacionadas ao racismo. Importa saber como podemos olhar a nossa clínica cotidiana focada nas questões que o racismo suscita.

É necessário problematizar o entendimento que alguns analistas têm enunciado em relação à questão de haver ou não algo específico a ser considerado na condução da análise de um sujeito negro, como se bastasse escutar, como se faz com qualquer sujeito. Sem cair na ideia simplista de que isso é apenas a expressão da negação por parte desses analistas da existência do racismo, temos que repensar, pois não há neutralidade na escuta do analista.

Não se trata apenas de discutir a necessidade da racialização do analista, mas, sobretudo, de reconhecer que a experiência singular de ser negro em uma sociedade racista imprime marcas profundas no psiquismo. Essas marcas se articulam com os vínculos sociais, com as formas de dominação e com as relações de poder, e dificilmente poderão emergir na análise se a escuta não estiver atenta a essas determinações. Nesse sentido, é preciso questionar até que ponto essa escuta seria possível se, desde o início, houvesse a negação da própria racialização do analista.

Cristina Rocha Dias nos lembra que:

Falamos e escrevemos de um tempo e lugar específico, produzindo um discurso que se pretende objetivo e universal, mas que resulta do lugar de poder conferido à branquitude, cujos privilégios advêm de representações racionalizadas e hierarquizadas [...] é preciso que haja impasse colocado ao analista, que possa problematizar

seu lugar de escuta, algo que nem sempre ocorre já que sua própria formação é parte da estrutura de poder institucionalizada e instituída.⁹

Jô Gondar acrescenta que:

[...] curar hoje [...] não significa, evidentemente, combater a estratégia de resistência de quem sofre, pois essa estratégia lhe permite se manter desejanter. Curar é seguir adiante nessa possibilidade mesma dando-lhe um pouco mais de ar para que uma vida que resiste pelo sofrimento possa inventar, no mundo e contra o mundo, o seu próprio modo de ser.¹⁰

Considerações finais

O apagamento do negro foi tão violento na sociedade brasileira que cabe parafrasear Lacan se perguntando: É tempo de concluir ou estamos ainda no momento de ver? A analista entende que urge refletir, aproximar ideias, não temer se enroscar na escuta, fazer germinar a semente transformadora que a psicanálise, nos seus arcabouços com seus princípios éticos, representa. Como Nogueira enfatiza: “É preciso que tenhamos acesso a formas de fortalecimento de nossas estruturas psíquicas”¹¹.

A escuta clínica voltada à pessoa negra demanda uma atenção específica às experiências de racismo, podendo configurar-se como uma clínica da escuta do racismo? Haveria a necessidade da insurgência de uma nova clínica? Nova em quê? Pois não se trata de novas subjetividades, mas da escuta das subjetividades que foram apagadas por processos políticos e sociais. Diante disso, o analista precisa escutar esse sofrimento não como falha individual, mas como efeito estrutural do racismo na subjetividade. Isso faria pensar em mudança na condução dessas análises?

Uma questão que merece investigação mais aprofundada. Diante do traumático do racismo, são requeridas posições éticas do analista, de forma que a escuta se abra para atos analíticos implicados, intervenções que favoreçam a

possibilidade de reinscrição psíquica, construção de sentido e novas marcações simbólicas?

Nesse sentido, a analista considera desenvolver essa questão à luz de Winnicott quanto às reflexões sobre a presença suficientemente boa do analista, e à luz das diretrizes trabalhadas por Ferenczi em relação ao manejo da clínica para possibilitar a emergência do sofrimento do sujeito. Assim como refletir, levando-se em conta Freud, se o engajamento ativo do analista para evitar retraumatizações poderia comprometer a regra da abstinência e o papel da insatisfação libidinal na dinâmica transferencial. Uma interferência que possivelmente atravessasse a emergência de conteúdos inconscientes a se reatualizarem na transferência.

Como enfatiza Jô Gondar:

Trata-se de construir um território a partir do qual o indivíduo possa experimentar sua capacidade de crer – não apenas em alguém, mas em si mesmo, na legitimidade de suas percepções sobre si e o entorno e naquilo que o singulariza. Esse território se constrói no encontro transferencial. Em sua dupla vertente de acolhimento e combate, a transferência se torna um campo de experimentação de signos e afetos, de discriminação de sensações e sobretudo, de espera.¹²

Ao elaborar este artigo, o que a analista sustenta para essa análise? Retomando Mezan, escrever sobre um caso é parte da análise do analisando: “O paciente é por definição um dos mais importantes destinatários do escrito que o concerne”¹³.

»
uma escrita implicada, que reconheça as marcas sociais e históricas do corpo negro na clínica, pode contribuir não apenas para a escuta do sujeito, mas também para a produção de um saber psicanalítico mais comprometido com a diversidade e a justiça simbólica

Torna-se evidente que a escrita desse fragmento clínico não é um simples relato técnico, mas uma reconstrução subjetiva e teórica da experiência analítica. Nesse sentido, escrever sobre o caso de um sujeito negro exige da analista reconhecer os atravessamentos raciais que marcam a constituição subjetiva, assim como a experiência transferencial e contratransferencial nessa análise.

Essa escritura, certamente, faz parte de uma busca da analista por uma clínica que não incida em apagamentos simbólicos dando visibilidade ao sofrimento psíquico ligado ao racismo, possibilitando, pela escuta psicanalítica, um reposicionamento nos caminhos já desenhados pelo seu sofrimento de sujeito negro.

Uma escrita implicada, que reconheça as marcas sociais e históricas do corpo negro na clínica, pode contribuir não apenas para a escuta do sujeito, mas também para a produção de um saber psicanalítico mais comprometido com a diversidade e a justiça simbólica.

9 C.R. Dias, “Do olhar do outro à sublimação de se construir negro”, in E.C. David; G. Assuar (orgs.), *A psicanálise na encruzilhada: desafios e paradoxos perante o racismo no Brasil*, p. 68.

10 J. Gondar, “A clínica como prática política”, in *Estados Gerais: Segundo Encontro Mundial*, Rio de Janeiro, 2003, p. 11.

11 I.B. Nogueira, “Cor e inconsciente”, in *O racismo e o negro no Brasil – questões para a psicanálise*, p. 125.

12 J. Gondar, *op. cit.*, p. 11.

13 R. Mezan, *op. cit.*, p. 166.

Referências bibliográficas

- Andrade E. (2023). *Negritude sem identidade: sobre as narrativas singulares das pessoas negras*. São Paulo: n-1.
- Ayouch T. (2025). *A raça no divã: psicanálise, mestiçagens, racializações*. São Paulo: n-1.
- Corrêa M.S. (2024). Racismo: um trauma coletivo não considerado. *Percurso*, n. 73.
- Debieux M.R. (2016). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Escuta/Fapesp.
- Dias C.R. (2021). Racismo e psicanálise: marcas coloniais na escuta clínica. In David E.C.; Assuar G. (orgs.). *A psicanálise na encruzilhada: desafios e paradoxos perante o racismo no Brasil*. São Paulo-Porto Alegre: Hucitec.
- Gondar J. (2003). A clínica como prática política. In *Estados Gerais: Segundo Encontro Mundial*, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial_rj/download/5c_Gondar_147161003_port.pdf>.
- Mezan R. (1998). *Escrever a clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Nasio J.D. (2001). *Os grandes casos de psicose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Nogueira I.B. (2021). *A cor do inconsciente – significações do corpo negro*. São Paulo: Perspectiva.
- ____ (2024). A dimensão simbólica do corpo negro e o ideal imaginário da branquitude. *Percurso*, n. 73
- ____ (2021). Do olhar do outro à sublimação de se construir negro. In David E.C.; Assuar G. (orgs.). *A psicanálise na encruzilhada: desafios e paradoxos perante o racismo no Brasil*. São Paulo: Hucitec.
- ____ (2017). Cor e inconsciente. In Kon N.M.; Abud C.C.; Silva M.I. *O racismo e o negro no Brasil – questões para a psicanálise*. São Paulo: Perspectiva.
- Santos B.P.E. (2016). Procura-se psicanalista segurx: uma conversa sobre normatividade e escuta analítica. *Lacuna: uma revista de psicanálise*, n. -1. Disponível em: <<https://revistalacuna.com/2016/05/22/normatividade-e-escuta-analitica/>>. Acesso em: 11 ago. 2025.
- Souza N.S. (2021). *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar.

Notes on the impact of racism on psychic life and on the analysis of a subject

abstract This article aims to discuss, through clinical fragments from the history of a Black subject, the impact of racism on psychic life and on the conduct of a psychoanalytic process. It also seeks to address the relevance of a Black person's analysis being conducted by a Black psychoanalyst.

Keywords racism; psychoanalytic clinic and politics; Black analyst.

Texto recebido: 08/2025

Aprovado: 09/2025